

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

DIÊGO PEREIRA DA SILVA

O CONHECIMENTO DA VERDADE SEGUNDO A ÓTICA TOMISTA

ANÁPOLIS – GO
2018

DIÊGO PEREIRA DA SILVA

O CONHECIMENTO DA VERDADE SEGUNDO A ÓTICA TOMISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Professor: Prof. Me. Pe. João Batista ORC.

ANÁPOLIS - GO

2018

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar o valor perene da visão tomística da verdade e do conhecimento como um todo, sendo que não existe conhecimento sem verdade e verdade sem um conhecimento. A verdade se dá na adequação do intelecto do homem que é capaz de verdade e do objeto que transmite essa verdade; afirmando que existe uma verdade primeira da qual todo conhecimento provêm.

Palavras-chave: Verdade. Conhecimento. Tomismo. Intelecto.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	PRINCÍPIOS CONSTITUTIVOS DO SER	5
3	DIVISÕES DO SER	6
3.1	ATO E POTÊNCIA	6
3.2	EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA.....	7
3.3	CAUSA E EFEITO.....	8
4	O CONHECIMENTO	8
4.1	O RACIONALISMO	9
4.2	O EMPIRISMO	9
4.3	O IDEALISMO	10
4.4	O REALISMO	11
5	A VERDADE	12
5.1	O VERDADEIRO.....	12
5.1.1	A verdade está na coisa	13
5.1.2	A verdade está no intelecto	13
5.2	O RELATIVISMO	14
5.3	EXISTE UMA VERDADE PRIMEIRA DA QUAL TODAS AS OUTRAS PROVÊM?.....	15
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
	REFERÊNCIAS.....	17
	FOLHA DE APROVAÇÃO.....	19

1 INTRODUÇÃO

Todo homem tem uma sede para o infinito, para aquilo que está além do mundo material. Essa sede provém da sua busca pela sabedoria, uma vez que ele é dotado de razão. A sabedoria consiste em um conhecimento certo, não duvidoso, que melhor se traduz em um conhecimento da verdade. A verdade, mais do que um ato próprio do homem, é também uma necessidade, dado que o homem em toda a sua vida está em constante aprendizado. No ato de conhecer algo fora de si, o homem adere a uma Verdade Primeira, o Criador, causa exemplar de todo criado; pois o objeto do intelecto é a verdade.

A verdade e o conhecimento são dois lados da mesma moeda. Não existe conhecimento sem verdade e verdade sem conhecimento, de forma que há uma similitude, uma correspondência intrínseca entre o homem que é capaz de verdade e de conhecimento; por isso, todo conhecimento parte de uma adequação do intelecto à coisa (AQUINO, 2004). Este artigo procura retratar a verdade do conhecimento partindo deste viés e coloca em evidência a figura ilustre de um dos baluartes deste estudo no campo filosófico e teológico, que foi Tomás de Aquino¹. Dentro desta ótica, o artigo segue descrevendo e apontando conceitos importantes para a compreensão de toda sua estrutura, que ressaltar-se-á na verdade como um conhecimento certo.

Essa busca consiste na própria natureza do homem como algo latente, que não o deixa em paz, porque ele sabe que do mesmo modo que os seres possuem um princípio organizador por detrás, também ele consegue distinguir uma ordem de uma desordem, um bem de um mal, o que se chama consciência moral. É na consciência de si e das coisas que o homem se conhece, ou melhor dizendo: é a partir de um conhecimento verdadeiro das coisas e de si, que ele é capaz de perceber que em toda natureza está inscrita a verdade.

Mesmo que o homem tente viver na ignorância, ele busca o conhecimento. Essa fonte do conhecimento que é causa exemplar ou verdade primeira, que é a razão

¹ Tomás de Aquino (1225-1274) inicia seus estudos na Abadia de Montecassino e em 1244 com a Fundação da Universidade de Roma entra para a Ordem dos Dominicanos. Da continuidade aos seus estudos em Paris sobre a orientação de Alberto Magno até 1248, depois continua seus estudos em Colônia até 1259. Leciona em Paris até 1259. Foi renomado professor, religioso e detentor de alto conhecimento, o qual aplicou ao estudo da teologia e da filosofia. Influenciado por Alberto Magno depois da proibição dos escritos de Aristóteles, conseguiu purificar os seus ensinamentos e escritos. Dentre seus vários escritos, destacam-se: o Comentário sobre as Sentenças e a Suma Contra os Gentios (1259), redigiu a Suma Teológica por volta de 1265 até 1273. Em 1323 foi canonizado pelo Papa João XXII.

de seu ato de ser e de conhecer. Todo ato do homem em certo sentido, está direcionado a um ato de verdade, para a verdade e nisto consiste a sabedoria, pois a verdade, convidando a vontade a aderir ao resultado do juízo, se identifica àquela Verdade Primeira. Em consequência disso, toda busca consciente do homem é uma forma de realização pessoal de uma verdade que ele concebeu e que a vontade aderiu como um bem, dado que todo homem foi feito para a felicidade e a felicidade nada mais é do que a posse de um bem conhecido.

Quando o homem nega a verdade ou coloca a sua verdade acima da Verdade Primeira, ele está negando a sua própria razão de ser. Diante da dúvida, todo homem se pergunta o que seja a verdade e o porquê da verdade e se existe uma verdade primeira. Não é a vontade do homem que determina o ser das coisas, mas o ato de ser de cada coisa, pois cada ser tem verdade e está em vista de um fim e este fim só pode ser entendido quando é conhecido à luz da Verdade Primeira, causa eficiente e final de tudo.

2 PRINCÍPIOS CONSTITUTIVOS DO SER

O ser humano busca o conhecimento em vista de algo e não pelo conhecimento em si, esse fica em segundo plano. O conhecimento é apenas uma causa eficiente e não a sua causa final. considerando a luz da ótica tomista e partindo da reflexão metafísica, não se pode começar do nada, deve-se se orientar por algo que possa ser conhecido, concebido como um "*verbum mentis*" (termo mental, um ente de razão) e que parte de algo objetivo, de tal modo a ser aplicado a todas as coisas, por isso se diz que todas as coisas são, ao que o doutor angélico afirma: "O que a inteligência capta de início como seu objeto mais conhecido e em que resolve todas as suas concepções é o ser" (AQUINO apud GARDEI, 2000, p. 210), corroborando com o pensamento metafísico sem deixar de expor o seu realismo moderado.

O desenvolvimento ontológico desse pensamento se deve em primeiro lugar à contribuição do filósofo Parmênides. Segundo ele, o "ser" era concebido apenas como um único ser, ao que ele afirmava que tudo estava estático, porém não conseguiu sair dos limites corporais, mas confrontou a teoria do vir a ser sustentada por Heráclito seu contemporâneo e com isso reafirmou o ser, o princípio de identidade, ou seja, o ser é e o não ser não é (MONDIN, 1985). A concepção do ser obtida posteriormente foi

sendo aprofundada a partir da visão de Parmênides até atingir proporções não pensadas por ele.

Poder-se-á pensar o ser como um gênero ou uma categoria, porém “O ser é um transcendental, ou seja, uma noção que transcende ou ultrapassa todas as categorias do ser e se aplica a tudo que é ou pode ser, de qualquer forma que seja” (JOLIVET, 1972, p. 265). Santo Tomás já atribuía distinções em relação ao ser quanto à sua existência e em relação à sua essência. Em relação à existência ele chamava o ser como “*res*” (coisa), ou comumente determinado como ente, que é um termo análogo e, em relação à essência ao ser da coisa (do ente), lembrando que o ser é composto de essência e existência ou matéria e forma; o que será melhor tratado a seguir.

3 DIVISÕES DO SER

Hilemorfismo é o termo aplicado a esta composição ontológica dos entes materiais, os quais são compostos de matéria e forma, sendo assim, o hilemorfismo é uma “doutrina física característica da cosmologia aristotélica e segundo a qual os corpos são compostos de matéria e de forma como por seus princípios últimos. Distingue-se notadamente do atomismo” (GARDEIL, 2013, p. 529); aplica-se a todas as coisas, porque o ser transcende as categorias e não se limita ao singular, mas se atribui a multiplicidade, a diversidade de seres, no seu âmbito mais geral. Nesta concepção são trabalhados os princípios aristotélico-tomistas a seguir.

3.1 ATO E POTÊNCIA

Por ato se entende a razão pela qual uma coisa seja, dado que para uma coisa existir, necessita na sua composição íntima o ato de ser mais a forma que lhe confere a existência. Todo ato ou ser em ato “constitui o ato primeiro e mais íntimo do ente, que desde dentro confere ao sujeito a sua perfeição” (MARTINS-FILHO, 2010, p. 20) portanto, pode-se dizer que todo ser em ato é uma perfeição, e esta perfeição aumenta ou diminui em proporção do grau de ser, pois o “ser é o ato intensivo do ente, do qual decorrem todas as suas demais perfeições” (Ibid, p. 20).

Sendo assim, todos seres dependem de uma relação intrínseca entre dois seres em atos para serem uma perfeição existente. Para tal complexidade volta-se ao termo hilemórfico criado por Aristóteles para solucionar esta passagem da potência ao ato e vice-versa, bem como, outros princípios dos entes.

3.2 EXISTÊNCIA E ESSÊNCIA

Sendo o ser uma perfeição, pois aqui se refere ao ato de existir ou razão de ser, ele pode ser concebido de duas formas: em função do sujeito concreto e em função do que o sujeito tem potencialidade em virtude de sua natureza. O ser então pode convir ao ser de Pedro ou à possibilidade de Pedro realizar alguma ação (JOLIVET, 1972).

Todavia, para que o ente entre na existência como objeto de inteligência devem provir de algo concreto possível de ser concebido, por isso o “ato de ser é aquele pelo qual o ente existe. O ente não é o ser, mas tem ser” (MARTINS-FILHO, 2010, p. 21). Uma vez na existência, o ente não pode voltar ao nada, porque está na mente de quem o criou ou foi causa da sua razão de ser, portanto, vale ressaltar que o objeto se torna fruto do pensar e objeto de conhecimento.

Sendo assim, todos os serem existentes são compostos de matéria e forma ou existência e essência, mas vale uma distinção quanto ao ser do ente, como já foi dito, que um se refere ao ato de existir e o outro à capacidade de ser conhecido, através da sua forma. A matéria é predisposta para a forma ou essência de algo, o que faz com que a essência seja “aquilo que uma coisa seja o que é” (Ibid, p. 21). Esse ser composto possui o formato que a essência lhe confere, portanto:

[...] a essência é segundo o que se diz que a coisa é. Daí ser necessário que a essência, segundo a qual a coisa é denominada ente, não seja só forma, nem só matéria, mas, ambas, embora só a forma seja, a seu modo, a causa desse ser (AQUINO, 1981, p. 67).

No que toca aos seres compostos criados ou substâncias compostas e que podem ser aplicados a todas as coisas no mundo material, já foram distinguidos, falta agora esclarecer qual a causa do seu vir a ser.

3.3 CAUSA E EFEITO

As coisas existem e podem ser conhecidas, mas de onde vieram? Todas as coisas têm uma causa pela qual existem e é fato que nem sempre isto está de modo explícito na natureza. O que percebemos são os efeitos, mas a causa última é fruto de uma reflexão e não uma coisa inata no sujeito. Qual é então segundo o princípio de causalidade a finalidade do ser em questão? Em uma linha de causalidades dos entes não se pode tender ao infinito, sendo que as coisas materiais são finitas. Aqui tem-se vários fatores determinantes, levando-se em consideração somente a razão de ser das coisas.

Por “causa” se compreende o princípio pelo qual “aquilo de que uma coisa depende quanto à existência” (JOLIVET, 1972, p. 280). Por isso, todo efeito tem sua razão de ser em algo fora de si, porque todo efeito é “produto da ação causal e conseqüente o que resulta do princípio” (Ibid, p. 280), daí conclui-se que todo efeito depende da causa como seu início e fim. Fica claro portanto que, dentro desse sistema perene é improvável falar de efeito sem aludir à causa deste, pode se distinguir, mas não se pode separá-los.

4 O CONHECIMENTO

O conhecimento aqui é refletido acerca do ser que possui o maior grau de perfeição que é o homem, devido a sua forma de conhecer através do intelecto. Dentre a vastidão do que é o conhecimento e suas definições, pode-se dizer que:

A gnosiologia se ocupa de uma questão prévia à formação e composição das ideias e do conhecimento na mente humana, perguntando-se sobre o que é o conhecimento, ou seja, no que consistem as ideias (MARTINS-FILHO, 2010, p.47).

Houve e ainda há uma crítica ao conhecimento, o que pode ser conhecido e até que ponto. Dentre as várias correntes de pensamento, deter-se-á sobre alguns filósofos e suas críticas ao processo do conhecimento.

4.1 O RACIONALISMO

René Descartes, grande pensador e considerado pai do racionalismo, afirma ao contrário dos empiristas que os sentidos enganam, e com isso formula sua tese de que tudo que o homem conhece pode ser ofuscado ou pode levar a um juízo errôneo, porque o conhecimento sensível pode se enganar. “Uma torre quadrada parece redonda à distância; as vezes pensamos ouvir ou ver algo que nem existe; a um doente as comidas doces parecem muitas vezes amargas” (BOCHENSKI, 1973, p. 34). Ao perceber que tinha se enganado, admitiu que “por se enganar”, logo existia. A premissa base para esta afirmação é que pelo próprio ato de pensar e se encontrar em dúvida, ele se torna consciente que esta duvidando e com isso afirma que ele existe, o mesmo não pode dizer-lo acerca das coisas a sua volta (Ibid, 1973).

Se o conhecimento é limitado e os sentidos são falhos, a única alternativa que se tem é afirmar como base de tudo é a dúvida, que é o que ele coloca como ponto de partida para um conhecimento válido: a sua celebre formulação “*cogito ergo sum*” (penso, logo existo). Tudo o que o homem é capaz de conhecer deriva-se do seu pensamento, é a razão que determina a realidade, logo, sendo o homem o criador de todas as coisas, tudo está de modo inato no seu intelecto. Partindo disto, se percebe que algo está errado na sua concepção, ele se torna princípio de tudo e não efeito de uma causa anterior, tenta inverter o conceito de criador e criatura, de causa e efeito; ele é o princípio de tudo (MARTINS-FILHO, 2010).

4.2 O EMPIRISMO

É uma corrente filosófica que afirma que o único meio pelo qual o ser humano pode adquirir conhecimento é sensivelmente, em outras palavras, o conhecimento, as ideias, são adquiridas através da experiência sensível (JOLIVET, 1972). Com essa afirmação coloca-se o homem e o animal em um mesmo grau de perfeição, exclui-se a diferença específica entre eles. Logo, a maneira que o homem conhece é a mesma que o animal. Que pode-se conhecer através dos sentidos ninguém duvida, mas acarreta em grande erro afirmar que ele é o único meio de se obter conhecimento.

Tentando estabelecer os limites do intelecto e influenciado por outras filosofias, os empiristas, dentre eles John Locke, desenvolveu um empirismo crítico. Para Locke todo conhecimento, todas as ideias derivam da “experiência”. Nesta concepção, tudo o que o homem é capaz de formular vem do conhecimento sensível (MONDIN, 1982).

A mente humana não pode transmitir a si mesmo as ideias simples, nem pode, uma vez que as tenha concebido, apaga-las. Em definitivo, portanto, o intelecto recebe o material do conhecimento sensível; o intelecto entende apenas depois de ter recebido esse conhecimento sensível; ele é como uma *tabula rasa* onde a experiência inscreve suas informações. (REALE; ANTISSEI, 2005).

O conhecimento é experiencial, por isso ele está no objeto primariamente e não na mente humana, pois na sua concepção o emprego do termo “ideia” está ligado a tudo que é objeto material e de onde o homem pode abstrair um conhecimento, uma vez que ele nega o conhecimento inato.

Outros dois grandes nomes dessa corrente e contemporâneos de John Locke são: George Berkeley e David Hume. Berkeley ao se debruçar sobre o conhecimento sensível, acaba caindo em outro abismo que é a negação da existência do mundo material e afirmando que tudo que existe são as ideias e estas entendidas como sensações. Segundo ele, tudo se dá na relação, de onde formula sua máxima: “o ser é ser percebido”, mudando a concepção de ser e reinterpretando as sensações como forma de conhecimento (MONDIN, 1982). Seu contemporâneo e também grande pensador inglês David Hume também segue por esse caminho, que conduz a outro abismo e afirma que tudo o que conhecemos se dá por impressões. O intelecto opera por meio de associações e através destas formulam-se fenômenos, e nisso ele nega o princípio metafísico de causalidade (Ibid, 1982). Não cabe aqui descrever todas as concepções de cunho empirista, mas abordar algumas concepções, por isso deter-se-á aqui.

4.3 O IDEALISMO

Emanuel Kant causa muitas reviravoltas nas suas famosas críticas e seus juízos, enfim, na sua forma de conceber o mundo. Vale ressaltar que para Kant o que o homem é capaz de conhecer é determinado pelo sujeito singular que conhece, que se debruça sobre si mesmo. O ser se apresenta, se manifesta, no que ele distingue entre: númeno (razão da coisa mesma, a essência da coisa), e o fenômeno (não é a

causa, mais a manifestação da causa). Todo conhecimento é baseado no sujeito de modo subjetivo. Sendo assim, Kant coloca um olhar novo ao que ele concebe como o pensamento puro:

Havendo traçado, em razão das suas investigações da natureza da cognição que levariam à crítica da razão pura, uma separação entre a experiência e a razão, entre a matéria e a forma, e tendo atribuído à razão e à forma do poder de conferir universalidade ao nosso processo de conhecimento, aplica esta distinção ao reino da ética e daí surge então sua célebre tese de que os nossos conceitos morais se baseiam, não na experiência, nem no sentimento, mas na razão pura (BENDA, ?, p. 25).

Em todo pensamento kantiano se afirma o sujeito que conhece como causa determinante no resultado do conhecimento, todo conhecimento se encerra no sujeito pensante.

4.4 O REALISMO

Como descrito desde o início deste artigo, o qual tem sua proeminência sobre o primado do ser e como se pode conhecer e obter um conhecimento verdadeiro, neste processo gnosiológico, o objeto primeiro do conhecimento é o ser. Em Tomás de Aquino é fundamental a distinção entre ente real e ente lógico, todavia, fica sempre bem fundamentado o que é o ser. Todas coisas são entes, mas nem todas as coisas possuem ser, ao que corresponde que nem todo ente lógico corresponde um ente real. Trabalha-se o ser singular tendo em vista, explicar as coisas universais, tudo isto se dá por meio do processo de abstração. De forma sucinta é nisto que consiste o realismo, aqui considerado de forma moderada, ou seja, de forma equilibrada, pois já dizia Aristóteles que a virtude está no meio de dois extremos (ARISTÓTELES, 2017) o que, também pode ser aplicada nesta situação.

Todo extremo incorre em grande risco de erro e é mister saber distinguir os conceitos. Sendo assim, essa visão filosófica se mostra como uma metafísica do ser. Abordadas algumas correntes de pensamento é hora de refletir sobre a verdade.

5 A VERDADE

O ser humano procura a verdade e sem ela, ele não consegue se conhecer e conhecer as coisas ao seu redor. Toda busca pela verdade é uma busca pelo conhecimento, pois da mesma forma que a verdade e o conhecimento estão intrinsecamente ligados no processo de correspondência, assim também, a verdade está para aquele que em virtude da sua natureza é capaz de conhecer de forma mais perfeita. Se a verdade é uma forma de aderir a algo, pode-se dizer que mesmo inconscientemente o homem busca a verdade, sem a qual a vida torna-se vazia e sem sentido.

A verdade é comumente dividida em verdade lógica e verdade ontológica, não adentrando ao campo sociológico, o qual também poder-se-ia reunir vários elementos que contribuiriam para afirmar que o ser humano age de acordo com o seu ser, aqui o olhar é voltado para a própria natureza do homem; ao qual não (se) exclui o conhecimento lógico e ontológico, dado que o homem é dotado de razão e o objeto de conhecimento do intelecto é a verdade, por isso Aristóteles afirma “A disposição de uma coisa no ser é como a sua disposição na verdade” (AQUINO, 2004, p. 58).

Tomás de Aquino já afirmava que: “*Veritas est adaequatio rei et intellectus*” (JEAN-DOMINIQUE, 2003, p. 25), fica evidente que no conhecimento consiste a verdade e o que é a verdade, contudo, nem sempre ela é aceita, pois a verdade numa grande escala de proporção não é interessante como o famoso dito popular que diz: “cada cabeça uma sentença” ou “cada ponto de vista é visto a partir de um ponto” essas e outras formas de concepção da verdade são assuntos tratados nos tópicos a seguir.

5.1 O VERDADEIRO

Tendo uma descrição ou uma definição do que seja a verdade, é de praxe confundir em que consiste o verdadeiro, ou melhor dizendo, o conhecimento verdadeiro. Sabe-se que a verdade existe e é imutável, porém é necessária uma correspondência. É o que já afirmava Aristóteles: “Ao definirmos o verdadeiro, dizemos ser ele aquilo que é; ou, então, não ser ele aquilo que não é” (AQUINO, 2004, p. 58). Assim sendo, o verdadeiro consiste na adequação da coisa ao intelecto, na identificação entre ambos. Não que dessa correspondência o verdadeiro acrescente

algo de alguma forma ao ser em si, mais dessa semelhança pode-se afirmar que o verdadeiro está relacionado com a perfeição do ser que é o objeto do conhecimento e que também é a verdade, ao qual o sujeito se debruça sobre o objeto conhecido; e partindo desse julgamento tem-se a verdade e o conhecimento verdadeiro, sem fazer tanta referência ao campo da lógica em que pode-se em face do estado de espírito estar: em estado de ignorância, de dúvida, de opinião e etc.

5.1.1 A verdade está na coisa

Tomás de Aquino ao se debruçar sobre o tema da verdade e corroborar com os princípios para tal conhecimento, parte da realidade e da reflexão ontológica e após submeter a verdade ao jugo da inteligência, pode-se afirmar que o primado da verdade está no objeto, pois o próprio filósofo conclui que o conhecimento parte da realidade em conformidade com o intelecto.

A famosa “*tabula rasa*”, como ele dizia, é a aplicação mais adequada para se basear esse princípio, pois demonstra que todo o conhecimento parte de algo. Fazendo referência aos transcendentais: o uno, o verdadeiro e o bom, dentre os quais, ressaltar-se-á o transcendental da verdade e como característica intrínseca do julgamento sobre o objeto conhecido e o ser que conhece, é mister afirmar que a primazia para o conhecimento lógico, ou seja, todo seu desenvolvimento e aplicação está na coisa que se manifesta ao sujeito que tem potencialidade de conhecer e é passivo e ativo para o mesmo. Contudo, essa forma foi adquirida da evidência da verdade na coisa, aquilo que transcende nele e que é uma perfeição. O ser transmite a verdade que nada mais é que aquilo que ele é em si, e o homem abstraído do conhecimento sensível consegue formular e afirmar que a verdade está na coisa, mas não se limita à coisa somente.

5.1.2 A verdade está no intelecto

Todo conhecimento parte da realidade, no sentido do objeto conhecido, cuja relação de semelhança chama-se verdade. Assim sendo, é necessário afirmar que a verdade está também no intelecto porque no seu próprio ato de pensar, julga a partir de algo e disso cria uma imagem espiritual da coisa real. Kant citado anteriormente, queria mudar essa concepção e afirmar que é o homem que determina tudo ao seu

redor, não uma conformidade, mas uma determinação íntima de si. Ele tenta impor uma mudança radical, porém débil (MONDIN,1982). Pode-se observar que grande parte da tentativa de contrapor a correspondência tomista, absolutizando o processo do conhecimento da verdade acarretará em possível erro.

Por isso Tomás de Aquino dizia que: “A inteligência que conhece é verdadeira (ela está na verdade) enquanto tem uma similitude com a coisa conhecida, similitude que é sua forma tanto quanto a conhece.” (AQUINO, 2016, apud JEAN-DOMINIQUE, 2003, p. 35)². Gerada esta impressão no intelecto o conoscente pode assemelhar o ente real e o ente mental, uma vez que a ideia, ou melhor dizendo, o conceito já está formulado. Fica evidente que a verdade também está no intelecto como representação, imagem do ser conhecido, porém de modo mais perfeito como coloca Santo Tomás de Aquino: “encontra-se a verdade na inteligência na medida em que ela apreende a coisa tal qual é” (AQUINO, 2016, apud JEAN-DOMINIQUE, 2003, p.25)³.

A verdade como perdura até os dias atuais é fundamentalmente refletida sobre esse viés, que expõe um grau de perfeição que se dá na correspondência, na qual, tanto o sujeito, como o objeto tem verdade ou possui verdade em maior ou menor grau de relação, a qual denomina-se um conhecimento perene; o que conclui que a verdade também está no intelecto por meio da conformidade, da adequação à coisa.

5.2 O RELATIVISMO

Todo pensamento contrário à verdade é um erro, comumente utilizado pelos sofistas para aludir a questões lógicas ou morais em seus discursos. O relativismo é caracterizado por essa forma de “pensar errônea” a fim de destruir a verdade em primeiro lugar, acabar com a unidade e tender em grande parte a um bem pessoal. O valor verídico do conteúdo não é importante e sim sua adesão; uma deturpação da linguagem do seu sentido real, verdadeiro.

Como diz um velho dito popular: “para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve”. Fazendo uma pequena analogia deste dito, sabe-se que no campo da lógica pode existir uma proposição correta, mas não verdadeira, porém o relativismo vai além, acaba sendo uma determinação do eu e não existe certo ou

² TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* I, q. 16, a. 2.

³ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* I, q. 16, a. 5.

errado. Pode-se dizer que: “se a verdade lógica é a conformidade da inteligência às coisas, o erro, que é seu contrário, deverá ser definido como a não-conformidade do juízo às coisas.” (GARDEIL, 1972, p.64).

Como a verdade foi excluída, o sujeito é quem determina e escolherá somente aquilo que convém e que acha por bem aceitar. Daí resulta que o relativismo a exemplo do que foi descrito como sendo uma exclusão da verdade, um erro, é fruto da vontade que deseja um bem mesmo que na realidade ele seja um mal; o que é evidente quando se formulou o “juízo”, mesmo sabendo que não era verdade se aderiu a ele pela vontade como um bem, através do desejo; o que levou muitos filósofos dizerem que não se pode conhecer as coisas e se as conhecesse não as compreenderiam na sua totalidade, pois os sentidos podem-se enganar. O primeiro a afirmar isso foi Protágoras dizendo que “O homem é a medida de todas as coisas” (REALE, 2003), o que acarretou a perda da verdade e a absolutização do eu, ou relativismo. Partindo desta afirmação, pode-se perguntar: se existe uma verdade primeira? Temática exposta a seguir.

5.3 EXISTE UMA VERDADE PRIMEIRA DA QUAL TODAS AS OUTRAS PROVÊM?

Tudo que se conhece tem uma verdade imprimida no seu amago, ou seja, inscrita no seu próprio ser, por isso é necessário afirmar que todas as coisas partiram de um princípio organizador de tudo. Uma Verdade Primeira, da qual todas as outras vieram, pois se do nada não pode provir nada, é ilógico pensar que o nada seja objeto de criação ou de conhecimento, sendo ele uma imperfeição, o que vai contra o “Princípio da Não Contradição”. Tudo que existe partiu de algo como causa primeira. Também a verdade parte da Verdade Primeira, essa causa exemplar, uma verdade primeira e imutável, da qual todas as outras provêm e que se dá no processo de relação com esta Verdade. Na medida que a verdade se identifica com essa Verdade Primeira que não é a verdade do homem, mas que dá ao homem a capacidade de entender a coisa e após ter iluminado seu intelecto e convidado a vontade se torna um bem desejável, a isto, chama-se Verdade Primeira.

A verdade sob cuja luz a inteligência humana tudo julga é a Verdade Primeira. Pois, assim como da verdade da mente divina derivam para a inteligência dos anjos as imagens infusas das coisas, a cuja luz os anjos compreendem tudo o que compreendem, da mesma forma deriva da verdade do intelecto de Deus, à guisa de modelo, a verdade

dos primeiros princípios, à luz dos quais a nossa inteligência formula os seus juízos sobre tudo. E uma vez que só podemos formular os nossos juízos a partir da verdade dos referidos princípios, na medida em que tal verdade constitui um espelho da Verdade Primeira, dizemos que julgamos tudo a partir da Verdade Primeira (AQUINO, 2004, p. 80).

Quem está na verdade rejeita toda possibilidade de erro. Uma grande problematização surge do fato de querer comparar aquilo que causa deformidade no ser com o ser que o criou, uma vez que a verdade só pode ser captada pelo sujeito que possui esta capacidade e que sua razão de ser também se assemelha a faculdade que o seu agente causou nele. Sendo este agente uma perfeição e não causa de sua deformidade, a verdade não consistiria no fato que o sujeito possui uma deficiência que se adequa ao criador, mas no fato de que, ao ser entendido como uma causa accidental e não substancial, esta deformidade só poderia acontecer mediante a sua própria natureza material, uma vez que o ser lhe é dado por outro, e tudo que é material é passível de corrupção.

Contudo, este princípio é válido para as causas materiais e não se aplica à causa primeira, pois: “A verdade sob certo aspecto, que compete às negações e aos defeitos, reduz-se à verdade pura e simplesmente (*simpliciter*) que é no intelecto, a qual é de Deus; e assim a verdade dos defeitos é de Deus, mesmo que os próprios defeitos não sejam de Deus.” (AQUINO, 2002, p. 254). A Verdade Primeira existe é a causa exemplar, causa eficiente e a causa fina de todo criado, e tudo se assemelha a Ele em certo sentido, pois é através Dele que tudo passou a existir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo o homem uma abertura para o transcendente, esta fome de conhecimento se dá pela verdade, que é a correspondência do intelecto à coisa, o que constitui um conhecimento verdadeiro. O conhecimento se dá por meio de processos inscritos na sua própria essência, na natureza humana. A verdade e o conhecimento são convertíveis porque é como se fossem dois lados da mesma moeda, podem ser distinguidos, mas não separados; sendo homem o ser dentre as coisas criadas que possui maior grau de perfeição e que melhor se assemelha ao Criador no seu plano divino. Todo conhecimento do homem deve ser fundamentado na verdade. Da mesma forma que aquele que é capaz de conhecer partindo de premissas certas da realidade

e julgando a conformidade com a coisa e o conceito, abstrai a imagem espiritual dela, não erra; está em conformidade com a causa exemplar.

Em certo sentido, todo erro é um mal juízo feito em uma deformidade da coisa e não no que ela é em si e, é fruto de uma vontade que se sobressai à razão, afirmando que aquilo que está diante dela é um bem, quando na verdade, é um mal. Toda vez que se age por instinto, por impulso, o homem deixa o seu lado animal tomar posse de si. O homem é um animal racional e deve se portar como tal, pois tudo o que existe pode ser fruto de reflexão, de conhecimento. Devido a isso conclui-se que: Todo conhecimento é um adequar-se à mente divina, à causa não causada, à Verdade Primeira, o princípio ordenador de tudo, a causa necessária que é Deus, o qual tudo provém e sem o qual nenhuma verdade, conhecimento pode ser adquirido.

ABSTRACT: This work seeks to demonstrate the perennial value of the Thomistic view of truth and knowledge as a whole, there is no knowledge without truth and truth without knowledge. The truth is the adequacy of the intellect of the man who is capable of truth and of the object that transmits this truth; stating that there is a first truth from which all knowledge comes.

Keywords: Truth. Knowledge. Thomism. Intellect.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *O Ente e a Essência*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

_____. *Sto. Tomás de Aquino: Seleção de Textos*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

_____. *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Luciano Ferreira Sousa São Paulo: Martin Claret, 2015.

MONDIN, Battista. *Curso de filosofia*. 4.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

MONDIN, Battista. *Curso de filosofia*. 3.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO. *O pensamento vivo de Kant; O pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Martins, ?.

BOCHENSKI, Innocentius Marie. *Diretrizes do pensamento filosófico*. 5. ed. São Paulo: EPU, 1973.

GARDEIL, Henri-Dominique. *Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino: psicologia, metafísica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

JEAN-DOMINIQUE. *A Verdade: Estudo Filosófico*. Campo Grande; Rio de Janeiro: Edições Santo Tomás, 2003.

JOLIVET, Régis. *Curso de Filosofia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

MARTINS-FILHO, Ives Gandra. *Manual esquemático de filosofia*. 4. ed. São Paulo: LTr, 2010.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, v. 1. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Patrística e escolástica*, v. 2. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *História da filosofia: de Spinoza a Kant*, v. 4. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIÊGO PEREIRA DA SILVA

O CONHECIMENTO DA VERDADE SEGUNDO A ÓTICA TOMISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Professor: Prof. Me. Pe. João Batista ORC.

Data da aprovação: / / **BANCA EXAMINADORA**

Nome do Orientador

ORIENTADOR

Nome do Convidado

CONVIDADO

Nome do Convidado

CONVIDADO